PAUL STRATHERN

ARISTÓTELES

em 90 minutos

JORGE ZAHAR EDITOR

ARISTÓTELES
(384-322 a.C.)
em 90 minutos

Paul Strathern

Tradução:
Maria Helena Geordane

Consultoria:
Danilo Marcondes
Professor-titular do
Deptº de Filosofia, PUC-Rio

F I L Ó S O F O S
em 90 minutos

. . . .

por Paul Strathern

Aristóteles em 90 minutos
Berkeley em 90 minutos
Bertrand Russell em 90 minutos
Confúcio em 90 minutos
Derrida em 90 minutos
Descartes em 90 minutos
Foucault em 90 minutos
Hegel em 90 minutos
Heidegger em 90 minutos
Hume em 90 minutos
Kant em 90 minutos
Kierkegaard em 90 minutos
Leibniz em 90 minutos
Locke em 90 minutos
Maquiavel em 90 minutos
Marx em 90 minutos
Nietzsche em 90 minutos
Platão em 90 minutos
Rousseau em 90 minutos
Santo Agostinho em 90 minutos
São Tomás de Aquino em 90 minutos
Sartre em 90 minutos
Schopenhauer em 90 minutos
Sócrates em 90 minutos
Spinoza em 90 minutos
Wittgenstein em 90 minutos

SUMÁRIO

. . . .

INTRODUÇÃO

. . . .

Aristóteles foi talvez o primeiro e o maior dos polígrafos. Sabe-se que escreveu acerca de tudo, do formato das conchas do mar à esterilidade, de especulações sobre a natureza da alma à meteorologia, poesia, arte e até mesmo sobre interpretação de sonhos. Diz-se que revolucionou todos os campos de conhecimento que tocou (com exceção da matemática, em que Platão e o pensamento platônico permaneceram absolutos). Acima de tudo, a ele se atribui a fundação da lógica.

Quando Aristóteles primeiro dividiu o conhecimento humano em categorias isoladas, possibilitou que nossa maneira de entender o mundo se desenvolvesse de forma sistemática. Nos séculos recentes, porém, esse conhecimento se expandiu a tal ponto que passou a ser seriamente prejudicado por essa categorização. Esses sistemas de pensamento permitiram que o conhecimento se desenvolvesse apenas ao longo de certos caminhos predeterminados, muitos dos quais corriam o risco de se esgotar. Foi necessária uma abordagem radicalmente diferente. A conseqüência é o moderno mundo da ciência.

O fato de que tenhamos demorado mais de vinte séculos para descobrir essas limitações no pensamento de Aristóteles serve apenas para demonstrar sua originalidade sem paralelo. Até mesmo a morte do pensamento aristotélico deu origem a muitas questões filosóficas fascinantes. Quantas mais dessas limitações temos ainda que descobrir? Qual o grau de perigo dessas falhas em nossa forma de pensar? E o que exatamente elas nos impedem de aprender?

VIDA E OBRA

. . . .

Em um promontório sobre a aldeia de Estagira, ao norte da Grécia, há uma estátua moderna de Aristóteles de muito pouca inspiração. Seu rosto sem expressão fixa o olhar por sobre as colinas arborizadas e cheias de protuberâncias, em direção ao mar Egeu azulado e distante. A figura do filósofo, em mármore alvíssimo, quase luminescente sob a luz do sol brilhante, ostenta uma toga decotada e sandálias, carregando na mão esquerda um pergaminho levemente danificado. (Diz-se que o dano foi causado por um caçador de *souvenirs*, um professor de filosofia argentino.) Gravadas na base, em grego, as palavras “Aristóteles, o estagirita”.

Aristóteles nasceu em Estagira em 384 a.C. Apesar da estátua, porém, ele não veio ao mundo na moderna cidade de Estagira. De acordo com o guia turístico, o acontecimento teve lugar na periferia da antiga Estagira, cujas ruínas ainda são visíveis. Depois do encontro frustrante com a estátua, parti em direção a elas. As ruínas ficavam logo abaixo na estrada, informou-me um *batman* que voltava da escola para casa. Com um floreio da capa negra de plástico indicou a estrada que levava ao litoral.

Depois de caminhar uma hora sob calor intenso, descendo a tortuosa estrada até a costa com trovões nefastos ecoando ao redor das montanhas rochosas, finalmente consegui uma carona até Stratoni, uma estranha mistura de refúgio abandonado à beira-mar e vila de mineração. A velha Estagira estava situada em algum lugar fora da estrada, um pouco mais ao norte, disse-me um carpinteiro que reparava a placa vazia do café fechado.

Logo descobriria que poucos carros passavam por aquela estrada em outubro. As tempestades de outono nessa região, quando finalmente irrompem, são às vezes muito intensas. Por uma hora abriguei-me embaixo de uma estreita saliência de pedra enquanto um aguaceiro torrencial caía em cascata sobre a encosta nua – sem qualquer sinal de ruínas ou veículos visíveis na intensa escuridão que pairava ao meu redor. Ensopado até os ossos, enfureci-me com a estátua que me levara à falsa Estagira. Tratava-se de uma simples fraude. A moderna cidade de Estagira não pretendia de forma alguma ser conhecida como o local de nascimento de Aristóteles. Razão por que, analogamente, se poderia erigir uma estátua de Joana d'Arc em Nova Orleans

Aristóteles nasceu em 384 a.C. na velha Estagira, na Macedônia grega. No século IV a.C., os antigos gregos consideravam a Macedônia mais ou menos como os franceses modernos tendem a considerar a Inglaterra e a América. Mas Estagira não passava de um arremedo de civilização – era uma pequena colônia

grega fundada pela ilha egéia de Andros.

O pai de Aristóteles, Nicômaco, fora médico pessoal de Amintas, rei da Macedônia e avô de Alexandre, o Grande. Em conseqüência dessa ligação, que amadurecendo virou amizade, parece ter se tornado um homem rico, adquirindo propriedades ao redor de Estagira e em outras partes da Grécia. O jovem Aristóteles foi educado em ambiente de cultura médica, mas seu pai morreu ainda jovem, sendo ele então levado para Atarneus, cidade grega no litoral da Ásia Menor, onde foi educado por seu primo Próxenos.

Como muitos que herdam fortunas, logo começou a gastar afoitamente o dinheiro que recebera. Segundo um dos relatos, esbanjou em vinho, mulheres e música, terminando tão falido que se viu forçado a alistar-se no exército por algum tempo, após o que voltou a Estagira e começou a estudar medicina. Aos trinta anos, porém, desistiu de tudo e partiu para Atenas a fim de estudar na Academia dirigida por Platão, onde permaneceu por oito anos. Hagiógrafos do final da Idade Média, decididos a transformá-lo em personagem pio, tendem a ignorar ou desacreditar publicamente essas impensáveis calúnias. Com toda a certeza, existe outra versão para o começo de sua idade adulta. De acordo com essa versão bem mais enfadonha (mas, deve-se admitir, bem mais digna de crédito), ele foi direto para a Academia, aos dezessete anos. No entanto, até mesmo algumas fontes que sustentam essa versão aludem a um breve interlúdio de vinho e Rosas.

De toda forma, Aristóteles logo se estabeleceu para um período de estudo intenso na Academia, firmando-se rapidamente como a mente mais requintada de sua geração. A princípio um estudante, logo foi convidado a se tornar um dos colegas de Platão. Parece que, no começo, venerava Platão. O certo é que absorveu toda a doutrina platônica ensinada na Academia, e sua própria filosofia se alicerçou solidamente em seus princípios.

Mas Aristóteles era demasiado brilhante para ser mero seguidor de alguém, ainda que de Platão. Quando percebeu o que parecia uma contradição (ou, que nos perdoem os céus, uma falha) nas obras do mestre, sentiu-se intelectualmente obrigado a apontá-la. Esse hábito logo começou a irritar Platão e, embora pareça que não tenham discutido, tudo leva a crer que os dois maiores espíritos da época julgaram político manter certa distância. Sabe-se que Platão se referia a Aristóteles como "o espírito sobre pernas" e chamava sua casa "a loja de leitura". Esta última observação alude à famosa coleção de pergaminhos antigos de Aristóteles, que tinha por hábito comprar tantos pergaminhos raros de obras antigas quantos conseguisse tocar com as mãos e foi um dos primeiros cidadãos a possuir uma biblioteca particular.

O jovem acadêmico evidentemente recebia renda considerável das propriedades por ele herdadas, logo tornando-se conhecido em Atenas por suas

maneiras finas e por seu estilo de vida sofisticado (ou, antes, erudito). Diz a tradição que era um indivíduo magro, de pernas longas, que tropeçava nos *ss* ao falar. Talvez para compensar esse problema passou a vestir-se de maneira elegante, adotando sempre a última moda em sandálias e togas e adornando os dedos com anéis de muito bom gosto. Mesmo Platão, que não era pobre, invejava a biblioteca de Aristóteles. No entanto, apesar de seu estilo de vida refinado e confortável, suas primeiras obras (hoje perdidas) eram principalmente diálogos em que se discutia a futilidade básica da existência e as alegrias do porvir.

Aristóteles tinha uma inclinação natural para o aspecto prático e científico, o que o levou a analisar as idéias de Platão de maneira cada vez mais realista.

Platão acreditava que o mundo particular que percebemos ao nosso redor é mera aparência. A realidade última acha-se num distante mundo das idéias – que assemelham-se a "formas" ou "ideais". Os objetos particulares do mundo que percebemos apenas se tornam reais através da participação nesse mundo definitivo das idéias. Dessa forma, um gato específico, assim como o preto que vejo deitado na cadeira, é um gato apenas porque participa da idéia (ou forma) definitiva de gato; e é preto apenas na medida em que participa da idéia (ou ideal) de pretume. A única realidade verdadeira acha-se além do mundo que percebemos – no campo definitivo das idéias.

Enquanto Platão focaliza o universo do ponto de vista essencialmente religioso, Aristóteles tende para o científico. Isso fez com que não se inclinasse a rejeitar o mundo ao nosso redor por considerá-lo irreal. Contudo, continuou a dividir as coisas em substâncias primárias e secundárias. Só que para ele as substâncias primárias eram os objetos específicos do mundo e as secundárias as idéias ou formas. A princípio ele de fato hesitou ao tentar definir qual dessas substâncias era efetivamente a realidade definitiva, em parte por respeito a Platão. (Seu velho professor, afinal, fora o primeiro a apresentar esta concepção.) Mas pouco a pouco deixava-se cada vez mais convencer de que vivia no mundo real e afastou-se das conclusões de Platão.

Ao longo dos anos, Aristóteles virtualmente inverteu a filosofia de Platão – a despeito disso, suas teorias metafísicas permanecem reconhecidamente uma adaptação da teoria de Platão. Onde Platão via formas como idéias com existência independente, ele via formas (ou "universais", como os chamava) como essências personificadas na substância do mundo, sem existência independente. Aristóteles iria apresentar inúmeros argumentos devastadores contra a teoria das idéias de Platão – mas parece não ter avaliado que essas críticas eram igualmente devastadoras para sua própria teoria dos universais. Ninguém mais parecia perceber esse fato tampouco. Em conseqüência disso, foi basicamente sob a forma da doutrina modificada de Aristóteles que as teorias de

Platão iriam se tornar a filosofia predominante no mundo medieval. Felizmente, havia muitos pontos obscuros e contradições aparentes na obra de Aristóteles, que forneceram aos eruditos medievais munição para infindáveis controvérsias suscitadas por diferentes interpretações. Foram essas discussões sobre erros, heresias, falsas crenças cismáticas e falsas interpretações inspiradas no demônio que mantiveram viva a noção de filosofia, quando, para todos os fins e efeitos, a aventura como um todo estava morta (ou, para ser mais preciso, entrara em longo período de hibernação). Embora tenha sido sugerido que muitas dessas controvérsias surgiram de simples erros do clero – conseqüência da inserção por parte dos copistas medievais de suas próprias suposições no lugar de palavras ilegíveis nos originais comidos pelas traças.

Em 347 a.C. Platão morreu, deixando vago o cargo de líder da Academia. Meia dúzia dos colegas mais capacitados de Platão achavam que havia apenas um homem apto a ocupar cargo de tanto prestígio. Infelizmente, cada um tinha em mente um nome diferente (quase sempre o seu próprio). E Aristóteles nesse ponto não era exceção. Para seu desgosto o cargo foi finalmente entregue a Espeusipo, primo de Platão, conhecido por ter sido tão mal-humorado que em determinada ocasião atirou seu cachorro em um poço por latir durante suas aulas. Também se diz que inventou um equipamento que permitia o transporte de lenha miúda e finalmente se auto-administrou eutanásia, após ter se tornado objeto de ridículo público durante uma discussão com Diógenes, o Cínico, na Ágora. Como pensador, Espeusipo dificilmente podia ser comparado ao homem cujas doutrinas forneceriam os alicerces a todo o pensamento intelectual sério pelos dois milênios seguintes – e, quando de sua nomeação, Aristóteles, profundamente encolerizado, deixou Atenas em companhia de seu amigo Xenócrates (outro candidato desiludido).

Aristóteles atravessou o Egeu até Atarneus, onde passara a juventude. O lugar era então governado pelo eunuco Hérmias, mercenário grego que conseguira se apossar desse rincão da Ásia Menor. Em visita a Atenas, Hérmias ficara bastante impressionado com o que vira na Academia e recebeu Aristóteles de braços abertos. Hérmias estava decidido a transformar Atarneus em um centro de cultura grega, e Aristóteles começou a assessorá-lo sobre a melhor forma de conseguir seu objetivo.

A filosofia política de Aristóteles consiste principalmente no exame dos diferentes tipos de estado e na melhor forma de governá-los. Ele mostra profunda compreensão da política, o que o levou a adotar uma atitude pragmática, em contraste direto com o enfoque idealista de Platão. *A República* descreve como o filósofo-rei deveria governar sua utopia (que, como qualquer utopia, era de fato pouco mais que uma tirania). Aristóteles, ao contrário, descreve como governar um estado real – esboçando métodos efetivos de ação freqüentemente quase maquiavélicos. Sabia como a política funcionava e sabia

que devia ser efetiva para, no final, ter alguma utilidade. Isso não significa dizer que era vazio de ideais. Genericamente, acreditava que a finalidade do estado era produzir e apoiar uma classe de cavalheiros cultos como ele próprio, embora compreendesse que nem sempre isso era possível. Por exemplo, para conduzir uma tirania com sucesso, o governante devia se comportar como um tirano. Nesse estado policial não haveria lugar para a elite cultural de Aristóteles. Contudo, em determinado ponto sugere que existe outra forma de conduzir uma tirania. O tirano pode assumir uma postura religiosa e adotar uma política moderada.

Alguns insinuam ter sido este o enfoque provavelmente adotado por Aristóteles como educador do tirano Hérmias. É muito pouco plausível, em minha opinião. No entanto, não estou sugerindo que Aristóteles teria defendido meios de instituir uma tirania drástica – com todas as atividades culturais proibidas, a população mantida sob medo e pobreza, trabalhando na construção de grandes monumentos públicos, com guerras periodicamente programadas, a fim de conservá-los alertas e mostrar-lhes a necessidade de um grande líder. (A análise de Aristóteles permanece relevante, do filósofo-rei de Platão a Saddam Hussein.)

Aristóteles desenvolveu sua filosofia política em seus últimos anos de vida, e na época em que educava Hérmias provavelmente aderiu às idéias expressas na *República* de Platão. Se assim foi, ele pode muito bem ter diplomaticamente modificado, nesse caso, a doutrina do filósofo-rei de Platão. Não era necessário que um eunuco-tirano se tornasse filósofo, bastava certificar-se de que seguia os conselhos de um deles.

Aproximando-se da meia idade e, apesar de seu dandismo, era considerado essencialmente o tipo de professor reservado. Foi então que, para surpresa de todos que o conheciam, se apaixonou. O objeto de sua afeição era uma jovem de nome Pítia, conhecida como integrante da casa de Hérmias. Alguns afirmam que era irmã de Hérmias, outros que era sua irmã por adoção – embora algumas fontes, quase sempre confiáveis, afirmem que era originalmente sua concubina (algo como uma sinecura, considerando seu status sexual). Essas contradições sugerem que ela pode muito bem ter sido uma cortesã do palácio. Seria esse um caso precoce do professor apatetado apaixonado pelo Anjo Azul?

De todo modo, Pítia não era virgem quando Aristóteles se casou com ela, a julgar pelo seu pronunciamento: “Uma vez que se tornem efetivamente casados e chamem um ao outro marido e mulher, é totalmente errado que um homem ou uma mulher seja infiel” – ficando implícito que, antes disso, seria aceitável. Esse pronunciamento acha-se nas observações de Aristóteles sobre adultério, e parece que em assuntos tão pessoais ele tinha o hábito de generalizar a partir de sua própria experiência bastante limitada. Em suas observações sobre o casamento,

afirma que a melhor idade para se casar é trinta e sete anos para o homem e dezoito para a mulher – precisamente as idades que ele e Pítia tinham quando se casaram. Independentemente do brilhantismo de Aristóteles, a imaginação não costumava ser seu ponto forte.

Tudo isso torna ainda mais irônico o fato de que, em sua *Poética*, o prosaico Aristóteles tenha forjado a mais poderosa elucidação da literatura jamais escrita – enquanto Platão, de longe o mais bem dotado poeticamente de todos os filósofos, decretava a expulsão dos poetas. (É de se perguntar o que Platão tentava esconder.)

Aristóteles tinha alto apreço pela poesia, afirmando que seu valor era maior que o da história, em virtude de ser mais filosófica. A história trata apenas de acontecimentos específicos, enquanto a poesia está mais próxima do universal. Nesse ponto, ele parece se contradizer, fazendo eco à visão de mundo de Platão. No entanto, sua célebre afirmativa de que a tragédia "suscita terror e piedade, purificando tais emoções através do desempenho dramático" permanece como um mergulho fundamental na comovente, porém problemática, experiência do teatro trágico. De temperamento denso e essencialmente sério, Aristóteles considerava superficial a comédia. Em sua opinião, a comédia consiste na imitação de indivíduos inferiores, e a comicidade em uma mera forma de feiúra sem dor. A estética tenta apenas organizar a desordem estabelecida pela arte, e os teóricos da comédia via de regra terminam tentando se equilibrar em casca de banana. Aristóteles não é exceção – observando que "para começar, a comédia não era levada a sério".

Não muito depois de seu casamento, Aristóteles fundou uma escola em Assos e três anos mais tarde mudou-se para Mitilene, na ilha de Lesbos, onde fundou outra escola. Sabe-se que, por essa época, Aristóteles estava profundamente interessado na classificação de plantas e animais. Um de seus refúgios preferidos para a caça de diferentes espécimes eram as praias do golfo Iérissos, cujas águas calmas e azuis sob o monte Olimpo são tão idílicas hoje quanto devem ter sido então. Na primavera as encostas se cobrem de um tapete de flores multicoloridas, e no tempo de Aristóteles deve ter havido lobos, javalis selvagens, linces e até mesmo ursos nas montanhas: o primeiro paraíso dos naturalistas para o primeiro naturalista.

Em suas obras sobre a natureza, Aristóteles tentou descobrir uma hierarquia de classes e espécies, mas foi sufocado pelo súbito volume de suas pesquisas. Ele estava convencido de que a natureza tinha uma finalidade e que cada traço específico de um animal existia para cumprir uma determinada função. "A natureza nada faz em vão", observava. Bem mais de dois mil anos transcorreriam antes que a biologia fizesse qualquer progresso efetivo nesse campo, com a noção de Darwin sobre evolução.

Por essa época Aristóteles adquirira a reputação de líder intelectual de toda a Grécia. Filipe da Macedônia conquistara recentemente a Grécia, unindo pela primeira vez suas cidades-estados, sempre em guerra em um país soberano. Convidou-o então para ser tutor de seu jovem e indomável filho Alexandre. Como o pai de Aristóteles tinha sido médico pessoal e amigo do pai de Filipe, era considerado membro da família – e sentiu-se obrigado a aceitar essa régia oferta. Com relutância partiu para Pela, capital da Macedônia.

Hoje, Pela é pouco mais que um campo cheio de pedras, com alguns mosaicos de seixos e meia dúzia de colunas, à margem da movimentada estrada principal de Tessalônica em direção à fronteira oeste da Grécia. Um lugar surpreendentemente pouco marcante, considerando ter sido a primeira capital da Grécia antiga; mais tarde, depois que Alexandre, o Grande, lançou sua campanha megalomaníaca para conquistar o mundo, poderia ter reivindicado o título de primeira (e última) capital do mundo conhecido.

Foi ali, em 343 a.C., que um dos espíritos mais brilhantes que o mundo jamais conheceu aceitou o desafio de educar um dos maiores megalomaníacos que o mundo jamais conheceu. Aristóteles tinha quarenta e dois anos, e Alexandre treze – mas, não sem surpresa, foi Alexandre o vencedor indiscutível. O jovem e voluntarioso aluno não aprendeu absolutamente nada durante os três anos em que esteve sob a orientação de seu tutor. Pelo menos é o que se conta. Aristóteles estava convencido da superioridade dos gregos sobre todas as outras raças. A seus olhos, o melhor líder seria um herói homérico, como Aquiles, cuja mente tivesse sido exposta aos últimos progressos da civilização grega; acreditava que a mente humana tinha capacidade para subjugar o mundo inteiro. Não se pode negar que Alexandre guardava estranha semelhança com essa imagem, mesmo que não tenha se tornado exatamente o que Aristóteles pudesse ter desejado. Mas podemos apenas especular sobre esse encontro de gigantes, a respeito do qual curiosamente sabe-se muito pouco.

O que se sabe é que, em pagamento por seus serviços, Aristóteles pediu a Filipe que reconstruísse sua cidade natal, Estagira, acidentalmente reduzida a escombros durante uma das recentes campanhas de Filipe na península Halkidiki. E sabe-se com certeza que, quando Alexandre se encontrava em sua grande expedição de conquista, recolheu plantas variadas desconhecidas e um zoológico de animais exóticos para que seu velho tutor os classificasse. A tradição da horticultura afirma que foi assim que os primeiros rododendros chegaram à Europa provenientes da Ásia central. Se isso é verdade, Aristóteles deve ter classificado essa espécie de maneira errônea: rododendro significa roseira em grego antigo.

Em 336 a.C. Filipe da Macedônia foi assassinado, e Alexandre, então com dezesseis anos, ocupou o trono. Depois de prontamente executar todos os

pretendentes e fazer algumas campanhas *blitzkrieg* preliminares através da Macedônia e da Albânia, cruzar a Bulgária e atravessar o Danúbio, descendo depois pela Grécia (reduzindo, *en route*, Tebas a uma ruína fumegante), Alexandre partiu então para sua campanha de conquista do mundo conhecido. Na prática, isso incluía o norte da África, a Ásia até Tachkent e o norte da Índia. Felizmente, as lições de geografia de Aristóteles não mencionavam a China, cuja existência permanecia ignorada pelo Ocidente até então.

Agora que Alexandre mantinha a mente ocupada com outros assuntos, a presença de Aristóteles não era mais necessária, sendo-lhe permitido retornar a Estagira. Porém, antes de deixar Pela, Aristóteles recomendou a Alexandre seu primo Calístenes para o cargo de intelectual da corte. Esse ato de generosidade lhe seria fatal. Calístenes era um tanto falastrão, e Aristóteles, antes de partir, advertiu-o sobre os riscos de falar demais na corte. Quando Alexandre partiu em sua campanha de conquista do mundo, levou Calístenes como seu historiador oficial. Mas enquanto abriam caminho através da Pérsia, Calístenes parece ter provocado contra si próprio uma acusação de traição, o que fez com que Alexandre o trancafiasse numa gaiola portátil. Calístenes seguia ao lado do exército, derretendo sob o calor do deserto, o corpo coberto de feridas e insetos repulsivos – até que Alexandre, não suportando mais presenciar tal cena, lançou-o aos leões. Mas, como todos os megalomaníacos bem-sucedidos, Alexandre tinha seu lado paranóico: culpou Aristóteles pela traição de Calístenes. Diz-se que esteve a ponto de assinar sua execução, mas acabou esquecendo; em vez disso, partiu para conquistar a Índia.

Depois de passar cinco anos em Estagira, Aristóteles retornou a Atenas. Em 339 a.C. Espeusipo morreu e o cargo de líder da Academia ficou novamente vago. Dessa vez o indicado a ocupá-lo foi Xenócrates, velho amigo de Aristóteles, tido como indivíduo de caráter convenientemente austero e digno, embora em certa ocasião tenha feito jus à coroa de ouro "por sua proeza etílica na Festa das Ânforas". (Xenócrates morreria no cargo vinte anos mais tarde: certa noite, trôpego, caiu dentro de um tonel de água.)

Aristóteles irritou-se de tal forma por ter sido novamente preterido que decidiu fundar uma escola rival própria. Instalou-a num grande ginásio fora dos muros da cidade, ao pé do monte Licabeto. O ginásio ficava colado ao Templo de Apolo Lício (Apolo sob a forma de lobo): daí a escola de Aristóteles ter ficado conhecida como Liceu. O nome resiste até hoje, mais adequadamente na palavra francesa *lycée* – embora a razão precisa para a grande escola aristotélica ser também celebrada em nomes de salões de dança e teatros não seja tão clara. O Liceu original de Aristóteles certamente ensinava uma ampla gama de assuntos, mas as danças de salão e a arte de representar não alcançariam status acadêmico pleno até o século XX, no centro-oeste americano.

O Liceu parecia-se muito mais com uma universidade moderna do que a Academia. De dez em dez dias, era eleito um novo líder para o conselho de estudantes; havia cursos independentes que competiam pelos alunos; e até mesmo tentativas ocasionais de instituir um calendário de atividades eram feitas. O Liceu realizou pesquisas em diversas ciências, transmitindo aos alunos as descobertas feitas – ao passo que a Academia estava mais interessada em dar a seus alunos noções básicas de política e direito, a fim de que pudessem se tornar futuros governantes da cidade. O Liceu era o MIT (ou talvez o Instituto de Estudos Avançados) da época, enquanto a Academia se parecia mais com Universidade de Oxford do século XIX ou com a Sorbonne.

As diferenças entre o Liceu e a Academia ilustram de forma adequada as divergências entre as filosofias de Aristóteles e Platão. Enquanto Platão escrevia *A República*, Aristóteles preferia reunir cópias das constituições de todas as cidades-estados gregas e selecionar os melhores artigos de cada uma. O Liceu era a escola à qual as cidades-estados recorriam quando queriam redigir uma nova constituição. Ninguém tentou proclamar a República.

Infelizmente, o minucioso estudo de Aristóteles sobre política já fora transformado em algo quase supérfluo – por ninguém menos que seu pior aluno, Alexandre. A face do mundo se modificava para sempre: o novo império de Alexandre fazia chegar ao fim a era da cidade-estado, assim como hoje a união européia pode estar a ponto de determinar o final efetivo das nações independentes européias. Nem Aristóteles nem qualquer um da galáxia de intelectuais reunidos nas escolas de Atenas parecem ter se dado conta dessa grande mudança histórica – omissão que se equipara à dos intelectuais do século XIX, de Marx a Nietzsche, ao deixar de prever a supremacia da América.

Aristóteles dava suas aulas enquanto caminhava com os alunos, razão pela qual seus seguidores tornaram-se conhecidos pelo nome de peripatéticos (os que caminham para cima e para baixo). No entanto, alguns afirmam que receberam esse nome porque o mestre dava suas aulas na galeria coberta do ginásio (conhecida como Peripatos).

Atribui-se a Aristóteles a fundação da lógica (mais de 2.000 anos seriam necessários para que surgisse um lógico de seu quilate), além de ter sido um metafísico quase ao nível de Platão e ter superado seu mestre tanto em ética quanto em epistemologia. (Apesar disso, no quesito originalidade é Platão quem prevalece. Aristóteles pode ter fornecido as respostas, mas foi Platão quem percebeu antes as questões básicas dignas de indagação.) Aristóteles, cujo feito mais significativo deu-se no campo da lógica, chegou a considerá-la o alicerce sobre o qual todo o conhecimento repousa. Platão intuíra que o conhecimento podia ser adquirido pela dialética (discussão, sob forma de conversa, mediante perguntas e respostas). Mas foi Aristóteles quem formalizou e desenvolveu esse

método com a descoberta do silogismo, o qual, segundo ele, mostrava que "quando certas coisas são afirmadas, pode-se demonstrar que alguma coisa que não a afirmada necessariamente se segue". Por exemplo, se fizermos as duas afirmações seguintes:

Todos os humanos são mortais.
Todos os gregos são humanos.

podemos inferir que:

Todos os gregos são mortais.

O que é logicamente necessário e inegável.

Aristóteles chamou sua lógica de "analitika", que significa "explicitadora". Toda ciência ou campo de conhecimento tinha de surgir de um conjunto de princípios básicos ou axiomas. A partir destes, as verdades poderiam ser deduzidas através da lógica (ou explicitadas). Esses axiomas definiam um determinado campo temático, separando-o dos elementos irrelevantes ou incompatíveis. Biologia e poesia, por exemplo, partiam de premissas mutuamente excludentes. Dessa forma, os animais mitológicos não faziam parte da biologia e a biologia não precisava ser escrita sob a forma de poesia. Esse enfoque lógico liberou campos inteiros de conhecimento, fornecendo-lhes potencial para descobrir conjuntos novos e completos de verdades. Seriam necessários dois milênios antes que essas definições se tornassem um ponto de estrangulamento, restringindo o desenvolvimento do conhecimento humano.

O pensamento de Aristóteles *foi* filosofia por muitos séculos adiante e na Idade Média chegou a ser considerado um evangelho, o que impediu que continuasse a se desenvolver. Esse mesmo pensamento pode ter construído o edifício intelectual do mundo medieval, mas mal se pode atribuir ao autor a responsabilidade por ele ter se tornado uma prisão.

O próprio Aristóteles jamais teria permitido isso. Suas obras são permeadas pelo tipo de inconsistência que mostra um espírito em permanente questionamento e evolução. Ele preferia investigar o funcionamento real do mundo, ao invés da mera especulação sobre sua natureza. Até mesmo seus erros são, com freqüência, expressos poeticamente – "o ódio é o sangue fervendo em torno do coração", "o azul do olho vem do céu". Num estilo tipicamente grego, viu a educação como o caminho pelo qual a humanidade poderia avançar, acreditando que um homem educado diferia do que não possuía educação "tanto quanto os mortos dos vivos". No entanto, o lugar que atribuía à educação não era revestido de um otimismo raso: "É um adorno na prosperidade e um refúgio na adversidade." Ele pode até ter se tornado, no final de sua vida, um pouco pedante, mas há indicações de que tenha tido sua cota de sofrimento. Permaneceu professor durante toda a vida e nunca pleiteou cargo público, porém nenhum homem em toda a história humana jamais teve, e dificilmente terá,

influência tão duradoura sobre o mundo – pelo menos até aparecer o monstro que aperte o botão nuclear.

Nisso tivemos sorte, pois Aristóteles parece ter sido um bom homem. Para ele o objetivo da humanidade era a conquista da felicidade, que ele definia como a concretização do melhor de que somos capazes. Mas o que *é* o melhor de que somos capazes? Na opinião de Aristóteles, a razão é a mais elevada faculdade do homem. Por isso mesmo, "o melhor (e o mais feliz) dos homens ocupa o máximo de seu tempo na mais pura atividade da razão, que é a teorização". É uma visão demasiado professoral e inocente da felicidade: o hedonismo como uma conquista puramente teórica. Poucos no mundo real subscreveriam essa conclusão. É discutível que Alexandre, o discípulo de Aristóteles, tenha buscado a concretização do melhor de que era capaz – infligindo sofrimento e morte a milhares sem conta ao longo do processo. No entanto, também se pode argumentar que Aristóteles tentou reprimir esses excessos morais com sua famosa doutrina de que a virtude está no meio.

Segundo essa doutrina, toda virtude se encontra no meio de dois extremos. Infelizmente, isso leva apenas à mediocridade ou aos artifícios verbais. Afirmar que o ato de dizer a verdade é meio caminho entre dizer uma mentira e corrigir uma falsidade é engenhoso, porém eticamente vão. (Aristóteles não postulou isso, mas teria tido necessidade de apresentar algo nessa linha, a fim de preencher a lacuna existente em seu argumento sobre o meio.)

Nos últimos anos de vida de Aristóteles, sua mulher, Pítia, morreu. O casamento obviamente se ajustava a ele, pois em seguida se casou com sua criada Herpilis, que viria a ser mãe de seu primeiro filho, Nicômaco. Em 323 a.C., no entanto, chegaram a Atenas notícias da morte de Alexandre na Babilônia, ao final de uma prolongada competição etílica com seus generais. Os atenienses há muito se ressentiam por estar sob o domínio dos incultos macedônios e, com a morte de Alexandre, deram vazão a seus sentimentos. Aristóteles, que nascera na Macedônia e obtivera renome por ter sido tutor de seu mais competente rebento, tornou-se vítima dessa onda de antimacedonismo. Foi denunciado como ímpio numa acusação forjada, tendo seu acusador, o hierofante Eurímedon, citado o elogio que escrevera vinte anos antes, quando da morte de seu benfeitor, o eunuco Hérmias de Atarneus. A multidão exigia vítimas, e Aristóteles teria sido sem dúvida condenado à morte. Mas ele não era feito do mesmo material de Sócrates, não tinha inclinação para o martírio. Sabiamente, abandonou a cidade para evitar que Atenas "assassinasse duas vezes a filosofia".

Não foi uma decisão fácil no entanto – significava que teria que abandonar seu amado Liceu para sempre. Destituído de sua biblioteca e do acesso a seus arquivos de pesquisa, o velho filósofo isolou-se então em uma propriedade

herdada de sua mãe, em Cálcis, cidade localizada cinqüenta quilômetros ao norte de Atenas, na extensa ilha de Eubéia, no ponto em que ela se separa do continente por um estreito canal. As águas desse canal sujeitam-se a um fenômeno inexplicável. Embora o Egeu virtualmente não sofra o efeito das marés, um fluxo rápido corre através do canal, mudando de direção, por razões que não se podem justificar, cerca de doze vezes por dia. Uma antiga lenda local sugere que Aristóteles passou dias quebrando a cabeça à cata de uma explicação para o fenômeno – e quando, pela primeira vez na vida, viu-se derrotado, pulou na água e se afogou.

Fontes históricas mais confiáveis registram que Aristóteles morreu em 322 a.C., aos sessenta e três anos, um ano depois de ter chegado a Cálcis. Diz-se que morreu de uma doença estomacal, embora uma fonte sustente que cometeu suicídio bebendo acônito, veneno extraído do ranúnculo. Na época, esse extrato era eventualmente usado como remédio, o que me sugere uma *overdose* acidental ou eutanásia auto-administrada, ao invés de simples suicídio. Embora seja perfeitamente possível que sua amargura por ter perdido o Liceu o tenha levado a não mais considerar a vida digna de ser vivida.

O testamento de Aristóteles começa com as palavras imortais: “Tudo ficará bem, mas caso alguma coisa aconteça…” Prossegue dando instruções para a educação dos filhos e alforria a seus escravos. Informa em seguida ao executor do testamento que, caso Herpilis deseje se casar novamente, “não deve ser entregue a alguém sem méritos”. O autor desse documento parece um homem essencialmente prosaico e decente, de caráter não afetado pelo fato de ser veículo do gênio supremo. Termina seu testamento solicitando que parte do dinheiro por ele deixado fosse usado para erigir estátuas de Zeus e Palas Atena, em tamanho natural, em Estagira.

Não consegui detectar sinal dessas estátuas quando finalmente cheguei às pedras dispersas e deslocadas pela chuva da antiga Estagira durante o final de um temporal, naquela tarde pouco feliz, há muitos anos na Grécia. Enquanto vagava pela encosta abandonada pelos deuses, pilhei-me recordando a visão aristotélica sobre a natureza da comédia, segundo a qual a comicidade era meramente uma forma de feiúra indolor. Paralisado pelo frio e diante de uma vista nada bela, compreendi que havia ainda um caminho a percorrer no pensamento de Aristóteles, pelo menos no que diz respeito à comicidade.

POSFÁCIO

. . . .

Quando Aristóteles se viu forçado a fugir de Atenas em 323 a.C., deixou o Liceu a cargo de Teofrasto. Segundo uma fonte, Teofrasto se apaixonara pelo filho de Aristóteles, que fora seu aluno, porém Aristóteles não considerou que essa tradicional ocupação desqualificasse seu sucessor. Teofrasto garantiu a continuidade do Liceu após a partida de seu fundador, e sua Escola Peripatética de filósofos logo começou a viver de acordo com o nome, perambulando por todo o mundo clássico, levando a filosofia aristotélica aonde quer que fosse.

Contudo, foram necessários aproximadamente três séculos após a morte de Aristóteles para que seus trabalhos fossem reunidos na forma em que são hoje conhecidos. Sua obra pode ser dividida em dois grupos – as que escreveu para publicação e as notas das aulas dadas no Liceu (que não eram destinadas a publicação). Como era inevitável, as primeiras se perderam, e as únicas que chegaram até nós foram as últimas, inicialmente em fragmentos e cobrindo centenas de rolos de pergaminhos, organizados segundo as diferentes obras por Andrônico de Rodes, último líder do Liceu. É a Andrônico que devemos a palavra "metafísica" – título dado a um grupo de obras originalmente sem título que se seguiam aos volumes de física, o que fez com que ele as rotulasse simplesmente como "depois da física", que em grego antigo se diz "metafísica". As obras contidas nessa seção compreendem os tratados sobre ontologia e a natureza última das coisas, assunto que rapidamente se identificou com o rótulo colado a essas obras: metafísica. Essa palavra, portanto, que através dos séculos tornou-se sinônimo da própria filosofia, de início nada tinha a ver com a filosofia por ela descrita. Assim como a própria filosofia, começou com um erro e continuou a florescer como tal desde então.

Durante a era clássica, Aristóteles não era considerado um dos grandes filósofos gregos (ombreado a seus pares Sócrates ou Platão). Na era romana foi reconhecido como o maior lógico, mas o restante de sua filosofia foi em geral ofuscado (ou absorvido) pelo neoplatonismo crescente, o qual, por sua vez, ao longo dos séculos, foi em sua maior parte assimilado pelo cristianismo.

Os pensadores cristãos logo se deram conta da utilidade da lógica aristotélica, e Aristóteles passou a ser reconhecido como a autoridade suprema do método filosófico.

A lógica aristotélica persistiria como a base do intenso debate teológico travado durante toda a Idade Média. Os ativos monges intelectuais entregavam-se à busca minuciosa de argumentos lógicos, as mentes mais refinadas utilizando-se dessa prática na caça aos heréticos. A lógica aristotélica, inquestionável do

ponto de vista teológico, tornou-se, assim, parte do cânone cristão.

No entanto, paralelamente a esse desenvolvimento cristão europeu do pensamento de Aristóteles, havia um outro, oriental, tão importante quanto o primeiro, e que teria conseqüências profundas sobre a Europa medieval.

Durante os primeiros séculos do primeiro milênio depois de Cristo o corpo principal da obra de Aristóteles permaneceu desconhecido do mundo ocidental. Apenas no Oriente Médio continuaram os eruditos a estudar o pleno alcance de sua filosofia. O século VII testemunharia o surgimento do islamismo, seguido da ampla conquista árabe em todo o Oriente Médio. Os intelectuais islâmicos rapidamente reconheceram os méritos da obra de Aristóteles, na qual não encontravam qualquer conflito com sua fé religiosa, e começaram a interpretá-la segundo seus próprios objetivos. Os ensinamentos de Aristóteles foram logo absorvidos, até o ponto em que quase toda a filosofia islâmica decorreu de interpretações de seu pensamento. Foram os árabes os primeiros a compreender que Aristóteles era um dos grandes filósofos. Enquanto o mundo ocidental mergulhava na Idade das Trevas, o mundo islâmico continuou a se desenvolver intelectualmente. Prova dessa rica herança são as palavras que recolhemos do árabe, como álgebra, álcool e alquimia, assim como todo o nosso sistema de numeração.

A filosofia aristotélica viria a ser desenvolvida por dois grandes estudiosos islâmicos. Abu Aki Al-Hu-sayn Ibn Abd Allah Ibn Sana (felizmente conhecido entre nós como Avicena) nasceu na Pérsia no final do século X e se tornaria um dos maiores cientistas-filósofos do mundo islâmico. Sua volumosa obra sobre medicina está entre as melhores já escritas, tentativa nobre de resgatar este assunto da charlatanice de que sempre foi alvo. Avicena tentou até mesmo reparar o que via como embustes na obra de Aristóteles. Percebeu vários problemas não abordados e chegou a fornecer-lhes respostas tal como Aristóteles teria feito caso os tivesse visto. Suas tentativas de tornar o pensamento aristotélico mais sistemático são magistrais e promovem a aglutinação de várias conclusões isoladas. Infelizmente, grande parte desse trabalho determinou o fim de opções que Aristóteles sempre quisera deixar em aberto, pois sabia que não podíamos saber tudo – Avicena tinha percepção diferente.

O outro grande comentador islâmico de Aristóteles foi Averróis, que viveu na Espanha moura, no século XII, e se tornou um misto de médico e filósofo dos califas de Córdoba. Averróis estava convencido de que a filosofia, em particular a filosofia de Aristóteles, era o verdadeiro caminho para a verdade; as revelações místicas eram apenas uma maneira inferior de se chegar a Deus. A razão era muito superior à fé.

Um dia o califa provocou Averróis perguntando-lhe como os céus tinham chegado a existir, o que obrigou o filósofo a confessar que não tinha resposta para

essa pergunta. (Postura intelectual nem sempre sábia a ser adotada diante de um califa que emprega alguém para responder a tais questões.) Felizmente o califa reconheceu a honestidade de Averróis e mandou que fosse buscar a resposta em Aristóteles.

Pelos trinta anos seguintes Averróis escreveu uma seqüência infinita de comentários e interpretações sobre a obra de Aristóteles. (Embora inteligentemente jamais tenha apresentado resposta à pergunta original do califa: o próprio califa já havia se pronunciado sobre o assunto.) Averróis, entretanto, elaborara, ele próprio, várias respostas a Aristóteles, chegando mesmo a fornecer argumentos, a partir de Aristóteles, para fundamentar seus pontos de vista (que, via de regra, contrariavam os de Aristóteles).

Esse era exatamente o tipo de enfoque que agradava aos sábios cristãos medievais, que rapidamente perceberam sua utilidade na perseguição aos heréticos. Traduções dos comentários de Averróis sobre Aristóteles logo começaram a circular em Paris, o grande centro de cultura da época. Mas não demorou muito para que os "averroístas", como se tornaram conhecidos, se vissem em dificuldades. Aristóteles podia ter sido aceito pela Igreja, mas esses novos ensinamentos sobre ele eram perigosamente heterodoxos. Diante do conflito entre razão e fé, não poderia haver dúvida quanto à supremacia da fé. Os averroístas acharam-se ameaçados de uma acusação de heresia, e a única forma que tiveram de se defender foi através do uso de argumentos da mesma fonte de sua heresia, ou seja, os escritos de Averróis.

Felizmente, a situação foi reparada por Tomás de Aquino, o maior dentre todos os sábios medievais, que conseguiu costurar um acordo. A razão deve de fato ser livre para operar de acordo com suas próprias leis inexoráveis, mas apenas dentro dos limites da fé. A razão sem a fé não era nada.

Tomás de Aquino sentiu-se profundamente atraído por Aristóteles e logo reconheceu seu supremo valor. Ele iria dedicar grande parte de sua vida à harmonização da filosofia de Aristóteles com a da Igreja. No final, conseguiu firmar o aristotelismo como base filosófica da teologia cristã, o que viria a significar a edificação, e a ruína final, do aristotelismo. A Igreja católica decretou que os ensinamentos de Aristóteles – segundo a interpretação de Tomás de Aquino – eram a Verdade, só podendo ser negados sob pena de heresia. (Situação que permanece em vigor até hoje.) Grande parte da filosofia de Aristóteles dizia respeito ao mundo natural, sendo, portanto, científica. A ciência, como a filosofia, faz pronunciamentos aparentemente verdadeiros – mas que mais tarde revelam-se falsos, necessitando ser modificados à medida que nossa compreensão do mundo avança. Ao declarar que a obra de Aristóteles era como a Sagrada Escritura, a Igreja se viu numa encruzilhada (e, no caso, nos confins de uma terra plana). O conflito que se avizinhava entre a Igreja e a descoberta

científica foi, dessa forma, inevitável.

Aristóteles não é responsável por esse conflito entre razão e fé, não resolvido de forma satisfatória no pensamento ocidental até este século.

Mesmo com a morte do pensamento aristotélico, Aristóteles continou a desempenhar um papel na filosofia moderna. Thomas Kuhn, filósofo da ciência contemporâneo – profundo admirador de Aristóteles –, declarou-se perplexo com o fato de que um gênio supremo também pudesse ser responsável por tantos erros simples. Por exemplo, a despeito de alguns dos primeiros filósofos terem compreendido que a Terra girava em torno do Sol, Aristóteles permaneceu convicto de que a Terra era o centro do universo – erro que limitou seriamente o conhecimento da astronomia por mais de um milênio e meio. O pensamento científico, da mesma forma, teve seu desenvolvimento retardado pela crença de Aristóteles de que o mundo era constituído de quatro elementos primários: terra, ar, fogo e água. O estudo de Kuhn sobre os erros de Aristóteles levou-o a formular sua noção de paradigma, que revolucionou nosso pensamento sobre a filosofia da ciência (e teve também aplicações muito além desse campo).

Segundo Kuhn, Aristóteles foi levado ao erro em decorrência da *maneira* como ele e seus contemporâneos viam o mundo: o paradigma de seu pensamento. Os gregos antigos acreditavam que o mundo era constituído essencialmente de qualidades – forma, objetivo etc. Ao adotar essa visão de mundo, eles estavam *fadados* a chegar a inúmeras conclusões errôneas, tais como as que arruinaram o pensamento de Aristóteles.

A conclusão inevitável a ser tirada da noção de paradigmas de Kuhn é que não pode existir uma forma “verdadeira” de ver o mundo (seja científica seja filosoficamente). As conclusões a que chegamos dependem basicamente dos paradigmas que adotamos: o modo que escolhemos para pensar o mundo. Em outras palavras, não existe verdade definitiva.

CITAÇÕES-CHAVE

. . . .

Fazemos guerra para poder viver em paz.

Ética a Nicômaco, Livro X, 1177b, 5-6

O bem do homem nos aparece como uma atividade da alma em consonância com a virtude, e, se há mais de uma virtude, com a melhor e mais completa.

Mas é preciso ajuntar "numa vida completa". Porquanto uma andorinha não faz verão, nem um dia tampouco; e da mesma forma um dia, ou um breve espaço de tempo, não faz um homem feliz e venturoso.

Ética a Nicômaco, Livro I, 1098a, 16-19

É pois a tragédia imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com as várias espécies de ornamentos distribuídas pelas diversas partes [do drama], [imitação que se efetua] não por narrativa, mas mediante atores, e que, suscitando o "terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções".

Poética, 1449b, 24-8

Aquele que estuda a forma como as coisas se originaram e passaram a existir, quer se trate do estado ou de qualquer outra coisa, terá delas a mais clara visão.

Política, 1252a, 24-5

É evidente, dessa forma, que o estado é criação da natureza … E é uma das características do homem, que somente ele possui, um sentido de bem e de mal, de justiça e de injustiça, e de propriedades semelhantes, sendo que a reunião de seres vivos que possuem esse sentido constitui uma familia e um estado.

Política, 1253a, 2-18.

A noção de estado é naturalmente anterior à de família ou à de indivíduo, uma vez que o todo deve necessariamente anteceder as partes. Se se destrói o homem como um todo, não se pode dizer que um pé ou mão permaneceu, a menos que se olhe para eles como se fossem feitos de pedra – pois certamente estarão mortos. Só se pode entender uma coisa como ela é em função de sua engenhosidade e de sua capacidade de realizá-la. E quando não mais possui essa engenhosidade ou essa capacidade, não permanece igual, simplesmente tem o mesmo nome. Dessa forma, é incontestável que uma cidade precede um indivíduo. Pois se um indivíduo não for suficiente em si mesmo para constituir um governo perfeito, ele simplesmente será em relação a uma cidade aquilo que

outras partes são em relação a um todo. E qualquer um que não seja capaz de viver em sociedade, ou não precise fazê-lo, por ser suficiente em si mesmo, deve ser ou uma besta ou um deus. Todos têm, portanto, um impulso natural para se associar a outros dessa maneira, e quem quer que seja que tenha fundado a primeira sociedade civil produziu o maior bem para a humanidade. Dessa forma, o homem é a melhor de todas as criaturas vivas, assim como, sem leis e justiça, seria o pior. Pois nada é tão difícil de erradicar quanto a injustiça perpetrada pela força. Mas o homem nasce com essa força – que é tanto prudência quanto valor – e ela pode ser usada tanto para fins justos quanto para objetivos injustos. Aqueles que abusarem dessa força serão os seres mais iníquos, concupiscentes e insaciáveis jamais imaginados. Por outro lado, a justiça é o que aproxima os homens do estado; pois a administração da justiça, que consiste em determinar o que é justo, é o princípio da ordem na sociedade política.

Política, 1253a, 25-40

Os democratas sustentam que a democracia é o que a maioria decide, aqueles que são a favor das oligarquias acreditam que os que possuem mais riqueza deveriam ser os responsáveis pelas decisões. Mas ambas as formas são injustas. Se seguirmos o que é proposto por poucos, logo teremos uma tirania. Pois se uma pessoa possui mais do que quaisquer outros, de acordo com a justiça oligárquica, este homem isoladamente tem direito ao poder supremo. Por outro lado, se a superioridade numérica prevalecer como critério, perpetrar-se-á a injustiça mediante o confisco das propriedades dos ricos, que estarão em minoria e sem direito à palavra. A noção de igualdade, à qual ambas as partes aquiescerão, deve portanto derivar da definição de direito comum a ambas.

Política, 1318a, 19-28

O que precede basta para provar que os seres matemáticos não são substâncias em grau mais eminente do que os corpos; que não são anteriores aos sensíveis quanto ao ser, mas apenas quanto à definição; e que não podem ter em lugar algum uma existência separada. Mas, como tampouco é possível que existam nos sensíveis, torna-se evidente que não existem em absoluto, ou existem nalgum sentido especial e restrito. Com efeito, "existir" tem muitas significações.

Metafísica, 1077b, 12-17

Naquilo que diz respeito aos corpos naturais, alguns têm vida e outros não. Isso equivale a dizer que alguns são capazes de nutrirem a si mesmos, de crescer e de se decompor. Dessa forma, todos os corpos naturais vivos, que devem ser substância, devem também ser uma substância complexa. Mas, já que é um corpo de natureza específica – ou seja, que contém vida – o corpo não pode ser alma. Porque um corpo é um sujeito, e não alguma coisa atribuída a um sujeito,

e dessa forma é matéria. A alma é portanto substância no sentido de que é a forma de um corpo natural, que é potencialmente dotado de vida. Substância nesse sentido é realidade. Dessa forma, a alma é a realidade do corpo vivo. Mas a realidade tem dois sentidos, semelhantes à posse do conhecimento e ao uso do conhecimento. A realidade de que estamos falando é similar à posse do conhecimento. Porque tanto dormir quanto acordar exigem a presença de uma alma – e acordar equivale ao uso do conhecimento, enquanto dormir se assemelha à posse do conhecimento sem que se o utilize.

De anima, 412a, 17-26

É óbvio que há causas, e muitas. São elas descobertas quando começamos a indagar: "Por que isto aconteceu?" Isso nos faz retroceder a diversas questões básicas. Quando nos defrontamos com coisas imutáveis, resta-nos a pergunta: "O que é isto?" Por exemplo, em matemática tudo se resume à definição de uma linha reta ou do número ou de coisa semelhante. Ou em outros casos, poderíamos ser levados a perguntar: "O que provocou essa mudança?" Como, por exemplo: "Por que essas pessoas foram para a guerra?" A resposta nesse caso poderia ser: "Por causa de invasões de fronteira." Ou poderia ser por conta da finalidade da coisa em si: em outras palavras, lutaram por poder. Em outra categoria, onde as coisas passam a existir, sua finalidade será a matéria.

Evidentemente, essas são as causas. Existem vários tipos diferentes de causa e qualquer um que queira entender a natureza deveria saber como desvendá-las. De fato, há quatro tipos diferentes: matéria, forma, o que quer que seja que provoque a mudança e qualquer que seja a finalidade da coisa.

Física, 198a, 14-24

Dessa forma, sendo o movimento eterno, se existe uma causa inicial, ela também deve ser eterna … e nesse caso é suficiente admitir que há apenas uma causa, a primeira a pôr as coisas estacionárias em movimento, e sendo esta eterna se constituirá em princípio de movimento para todas as outras coisas.

Física, 259a, 7-14

Aristóteles escreveu e pensou de forma tão original a respeito de tantas coisas que fatalmente perceberia algumas delas erroneamente:

Aqueles cujas narinas têm extremidades espessas são preguiçosos, tal qual o gado. Aqueles que possuem narizes de pontas grossas são insensíveis, assim como os javalis. Por outro lado, pessoas cujos narizes têm ponta fina irritam-se com facilidade, de maneira muito semelhante aos cães. Contudo, os de nariz de ponta arredondada e chata são magnânimos, da mesma forma que os leões. Pessoas de nariz de ponta fina são como pássaros; mas quando o nariz é curvo e se lança diretamente da testa são passíveis de comportamento despudorado (assim como

os corvos).

Fisiognomia, VI, 28-36

Foi grande a contribuição de Aristóteles no estabelecimento da pesquisa e da categorização científicas. Suas realizações são extraordinárias, principalmente se considerarmos grande parte das provas e do material então existentes – alguns dos quais ele registrou:

Diz-se na Arábia que há uma espécie de hiena que paralisa sua presa tão-somente com sua presença. Se essa hiena pisar sobre a sombra de um homem, ela não apenas o paralisará, mas o transformará num ser totalmente estúpido … Existem dois rios na Eubéia. O gado que bebe daquele chamado Cerbes se torna branco e aquele que bebe do outro chamado Neleus adquire a cor preta … O rio Reno corre na direção contrária aos outros rios, dirigindo-se para o norte, onde vivem os alemães. No verão suas águas são navegáveis, mas no inverno congelam-se, de forma que as pessoas podem caminhar sobre elas como se fosse sobre terra.

Sobre coisas maravilhosas ouvidas, 145, 168

(Citações da *Ética a Nicômaco* extraídas de *Aristóteles*, trad. Leandro Vallandro e Gerd Borheim, col. Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1983.)

. . . .

séc. VI a.C.	Início da filosofia ocidental com Tales de Mileto.
fim do séc. VI a.C.	Morte de Pitágoras.
399 a.C.	Sócrates condenado à morte em Atenas.
c.387 a.C.	Platão funda a Academia em Atenas, a primeira universidade.
335 a.C.	Aristóteles funda o Liceu em Atenas, escola rival da Academia.
324	O imperador Constantino

d.C.	muda a capital do Império Romano para Bizâncio.
400 d.C.	Santo Agostinho escreve as *Confissões*. A filosofia é absorvida pela teologia cristã.
410 d.C.	Roma é saqueada pelos visigodos.
529 d.C.	O fechamento da Academia em Atenas, pelo imperador Justiniano, marca o fim da era greco-romana e o início da Idade das Trevas.

meados do séc. XIII	Tomás de Aquino escreve seus comentários sobre Aristóteles. Era da escolástica.
1453	Queda de Bizâncio para os turcos, fim do Império Bizantino.
1492	Colombo chega à América. Renascimento em Florença e renovação do interesse pela aprendizagem do grego.
1543	Copérnico publica *De revolutionibus orbium caelestium* (*Sobre as revoluções dos orbes*

celestes), provando matematicamente que a Terra gira em torno do Sol.

1633 Galileu é forçado pela Igreja a abjurar a teoria heliocêntrica do universo.

1641 Descartes publica as *Meditações*, início da filosofia moderna.

1677 A morte de Spinoza permite a publicação da *Ética*.

1687 Newton publica os *Principia*, introduzindo o conceito de gravidade.

1689	Locke publica o *Ensaio sobre o entendimento humano*. Início do empirismo.
1710	Berkeley publica os *Princípios do conhecimento humano*, levando o empirismo a novos extremos.
1716	Morte de Leibniz.
1739-40	Hume publica o *Tratado sobre a natureza humana,* conduzindo o empirismo a seus limites lógicos.
1781	Kant, despertado de seu

"sono dogmático" por Hume, publica a *Crítica da razão pura.* Início da grande era da metafísica alemã.

1807 Hegel publica *A fenomenologia do espírito*: apogeu da metafísica alemã.

1818 Schopenhauer publica *O mundo como vontade e representação*, introduzindo a filosofia indiana na metafísica alemã.

1889 Nietzsche, após declarar que "Deus está morto",

sucumbe à loucura em Turim.

1921 Wittgenstein publica o *Tractatus logicophilosophicus*, advogando a “solução final” para os problemas da filosofia.

década de 1920 O Círculo de Viena apresenta o positivismo lógico.

1927 Heidegger publica *Sein und Zeit* (*Ser e tempo*), anunciando a ruptura entre a filosofia analítica e a continental.

1943 Sartre publica *L’être et le néant* (*O ser e o nada*), avançando no pensamento de Heidegger e instigando o surgimento do existencialismo.

1953 Publicação póstuma de *Investigações filosóficas*, de Wittgenstein. Auge da análise lingüística.

CIENTISTAS
em 90 minutos

. . . .

por Paul Strathern